

A Ruína

Sou do tempo do pipeiro. Conheci um Porto Alegre, regado a sarjetas de água verde, coberto de clarab[oi]as e beirais. Toda uma vertente da minha memória sentimental vai dar numa encruzilhada de ladeiras e becos, onde as vêzes me aparece, como intérprete oportuno dos meus próprios sentimentos, o fantasma do guri que eu já fui. É preciso ter nascido com um pé no outro século para enveredar por estes caminhos interiores, que se perdem no Passo do Não-Sei-Onde.

O meu Porto Alegre começa no fim dos planos de urbanização, com o imprevisto das vistas, o desaprumo dos muros limosos, um beiral emplimado de macega e os velhos nomes que as placas não conseguem abafar. O tempo e a memória dos homens impregnam quase sempre as coisas de uma névoa de passado e evocação que as transfigura com não sei que de toques de magia. Torna-se transparente qualquer paisagem, aos olhos de qual recorda ou tenta reconstituir seus aspectos anteriores de uma cidade, uma rua começa a desandar para feições primitivas, a desmanchar-se recompondo-se noutra ordem de planos, quando se projeta no seu passado a luz da fantasia evocativa.

A mim, fantasma do velho Coruja, desmanchemos o presente! Desmantelemos com método o cimento armado, misturemos todos os traçados e plantas e posturas para ver como fica. Debaixo destes arranha-céus passa o beco do Fanha, como as águas ocultas da saudade. Reponha-se o quiosque no devido lugar, atrelem-se de novo ao bonde os burros sem futuro, mas, principalmente, replantem-se uma a uma as árvores - aquelas árvores que pareciam eternas da Praça da Harmonia, de tão fundas raízes no sonho...

Prezado Coruja, patrono dos saudosistas, não devemos ter a menor contemplação com esta cidade nova que brotou sobre a outra, apagando a marca dos nossos passos.

Direi do encanto das sarjetas: nem sempre a água cheirava a ovo podre, dava para correr às vezes e corria carregando barquinhos de cisco para a boca dos bueiros. No fundo dos bueiros cantava um arroio e começava o domínio do Rei dos Ratos. Mas isto é uma história sem fim: foi por aqui... foi por lá... foi por lá...

O certo é que então era tudo maior: as varandas, os corredores, os porões. Quem diria a poesia dos porões daquele tempo, com sua frescura do ar condicionado, quando lá fora as pedras da rua tremia de calor?

Antônio Álvares Pereira Coruja
Antigualhas, 1881.



cuidado!
Cães

OCIVA 5123

CHA 157
NOSSA TERRA





